

Campus

www.unb.br/fac/campus
campus@unb.br

Jornal Laboratório do Departamento de Jornalismo
Faculdade de Comunicação - UnB

Planaltina abre as portas para receber a UnB

Cidade do DF é a primeira a ter um campus avançado fora do Plano Piloto. A proposta levanta questionamentos sobre a elitização do ensino superior público **P. 03**



Foto: Thiago Silveira



Nos próximos oito meses, Planaltina vai observar a construção da primeira universidade pública dentro de casa. O fato é se a comunidade local será inserida no contexto acadêmico e conseguirá ingressar na acirrada competição por vagas no ensino superior gratuito. A reitoria quer fazer de Planaltina o que a UnB não

foi para Brasília: uma universidade diretamente voltada para os interesses da população que ajudou a construí-la. A comunidade local aguarda mudanças. O professor de Antropologia José Jorge de Carvalho e o vice-reitor Timothy Mulholland destacam algumas questões sobre o tema.

Mais na página 03

Na luta contra as drogas

O dia-a-dia em uma casa de recuperação de dependentes químicos é uma batalha constante contra o vício. Wanderley Carvalho Júnior (foto), de 18 anos, começou a usar drogas aos 10 anos. Hoje, Júnior é um dos internos da casa Força para Vencer, na Ceilândia, onde a religião é a base da recuperação. "O tratamento de dependências não pode ficar

só nas mãos de ex-dependentes e religiosos. É uma questão de cidadania, de saúde", critica a psicóloga Maria de Fátima Sulzbach. Para qualificar o atendimento da rede pública de saúde, a UnB em

parceria com o Ministério da Saúde vai capacitar profissionais para tratar dependentes em centros especializados.

Mais na página 06



Foto: Mariana Medeiros

Professor de Biologia concorre a prêmio internacional

P. 05

Copa do Mundo mobiliza alunos, que faltam às aulas

P. 06

Bandas procuram espaço para tocar e Calourada volta

P. 08

Carta da Editora

Mais um semestre se foi e tivemos muitos desafios a cumprir. Este traz uma missão especial para nós aqui da redação do Campus. Estamos em fase de adaptação ao novo currículo do curso de Comunicação, que mudou para melhor. Com a reformulação das disciplinas, os alunos têm dois semestres em vez de apenas um para experimentar as várias etapas envolvidas no processo jornalístico - desde as reuniões de pauta até a publicação da matéria seja no jornal impresso ou na página na Internet.

Se por um lado a mudança do currículo ajudou a aumentar nosso potencial de produção, por outro trouxe aparentes desvantagens. É bastante complicado comandar um batalhão de repórteres e fazer o jornal *on-line* funcionar como um verdadeiro jornal de Internet. Não bastassem as dificuldades operacionais

por falta de um laboratório de informática de última geração, ainda temos que lidar com as grandes diferenças entre os mais de 50 alunos responsáveis pelos dois jornais. É isso mesmo! Não se assustem! Se o pessoal do semestre passado teve que se equilibrar e fazer coisas milagrosas para produzir um jornal de qualidade com uma equipe bem pequena, agora nós temos nos esforçado para fazer um produto ainda melhor.

São aparentes desvantagens porque elas não são tão ruins como parecem num primeiro momento. Na verdade, trabalhar com várias mídias e ter que lidar com todas as etapas do processo jornalístico é o que vamos enfrentar quando nos formarmos. Jornalismo envolve muito traba-

Jornalismo envolve muito trabalho em equipe por um ideal comum

lho em equipe. Nenhum grande e bom jornal é feito por um só indivíduo. São várias pessoas trabalhando juntas por um ideal comum. É claro que nem sempre esse processo é harmonioso. Erros e dificuldades sempre acontecem. Mas é nosso dever tentar minimizar os problemas para trazer matérias de interesse do nosso público aqui da UnB.

É com esse espírito de vencer desafios que nos propomos a fazer o Campus e o Campus On Line se transformarem num estágio muito mais profissionalizante em nossas vidas de graduandos. É o nosso compromisso de que vamos nos empenhar ao máximo para levar até vocês um jornal de qualidade.

Sheyla Assunção
Editora-chefe do Campus 265

Carta dos leitores

Esclarecimento

Venho relatar o episódio ocorrido no último semestre letivo, no qual foram publicadas informações incorretas sobre o furto ocorrido na agência Júnior Dois-novemeia Publicidade e pedir que o Campus tome as providências cabíveis.

O jornal (edição nº 261) divulgou que o valor do prejuízo seria de R\$ 6 mil, fato que não condiz com as informações fornecidas ao jornal.

Pedimos, logo, que a edição saia, uma retratação da informação. Não tendo o

pedido atendido, enviamos um segundo, que culminou em uma nota com informações, porém, que não correspondem à realidade.

Segundo o jornal, essas informações foram coletadas comigo, o que não é verdade. Quando indaguei se o valor do prejuízo havia sido a quantia relatada, afirmei não ter conhecimento exato dos valores, mas que a estimativa ultrapassava a quantia proposta.

Ademais, segundo a nota, a informação fora confirmada por uma segurança

que estava no local após o assalto. Sem a identificação deste segurança, não há credibilidade à notícia. É o único porteiro que se encontrava no local nega ter dado as informações.

Como importante experiência da Faculdade de Comunicação, o Campus deve se esmerar nas questões éticas que sustentam a atividade, firmando compromisso com a verdade.

Daniel de Souza Pinto
Vice-presidente da agência Júnior Dois-novemeia Publicidade

Charge



Nota da Redação

A repórter Camila Zamith, do Campus do semestre passado e responsável pela apuração da matéria "Idéias Roubadas", garante que o vice-presidente Daniel de Souza Pinto, revelou que a quantia furtada era estimada em R\$ 6 mil, e não um valor superior.

Segundo o Código de Ética do jornalista e a Lei de Imprensa, invocada pelo solicitante em uma das cartas enviadas à nossa redação, publicamos a informação retificada.

Ao que nos parece, po-

rém, ao informar nossa repórter sobre o valor dos objetos roubados, que foi, inclusive, levantado pela população, houve uma confusão por parte do Daniel de Souza Pinto, já que a repórter não teria motivos para divulgar à comunidade acadêmica uma informação incorreta, e seu papel é buscar a verdade.

Diante de mais um pedido retificamos que o valor estimado superou R\$ 6 mil, mas reiteramos que a primeira informação publicada foi a passada no momento da apuração.

Fale com o Campus

Envie suas críticas, sugestões, reclamações e dúvidas para a redação.

e-mail: campus@unb.br;

endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, Faculdade de Comunicação, ICC Ala Norte, Caixa Postal: 04660 CEP: 70910-900 Brasília-DF.

telefone: 307-2461

Por motivo de espaço ou clareza as cartas podem ser editadas.

Ombudsman

O que o povo quer

O que a comunidade universitária espera do Campus? Esta pergunta foi feita a vários estudantes na esperança de que as respostas obtidas ajudem os nossos novos campistas a fazerem um jornal cada vez melhor. Mas, vamos analisar algumas respostas.

A primeira preocupação dos leitores é receber um jornal que cumpra com sua finalidade básica: informar. No meio do caos informa-

cional que são as paredes da Universidade, pessoas como a estudante Grêmia Alves, de Agronomia, esperam encontrar no Campus uma seleção das informações mais importantes, como cursos de extensão ou avisos. Fabiano Borba, da Veterinária, quer ler um jornal que mostre as deficiências dos cursos. Lanço um desafio aos novos campistas: escrever um produto que contenha

notícias com fatos e informações úteis, que realmente tragam impacto e despertem o interesse das pessoas. Um jornal de serviço, que traga, objetivamente, os eventos culturais, acadêmicos, esportivos e sociais voltados para os universitários. E, se possível, que se abra até mesmo uma seção de classificados. Tudo isso mantendo a imparcialidade jornalística exigida pelo Bruno Ferreira, de

Engenharia de Redes.

E você, leitor, tem um papel fundamental neste desafio. Participe, mandando críticas, elogios e sugestões. A coluna do ombudsman serve exatamente como um amplificador da voz dos leitores, pessoas importantes neste processo interativo que é a construção de um jornal.

Helder Nozima
Monitor do Campus

Artigo

O Congresso e a boca de fumo

Lula é um homem sensível. Não resistia às lágrimas quando escutava Lobato, o viciado em álcool e drogas da novela "O Clone", revelar no divã do psicólogo sua luta contra o vício. Dias depois a gente soube que a novela estava levando mais e mais jovens, motivados pelo drama da personagem Mel, aos centros para tratamento de drogados.

Fora as deformações da cultura marroquina já apontadas pela Professora Zélia Adhigini, que morou lá 16 anos e conhece o lugar como a palma da mão, a novela é a boa televisão, a tevê que devia ser a regra. Isto é, um veículo que associe entretenimento com prestação de serviço. Um eficiente mecanismo de mobilização social. Um

precioso aliado na luta contra a opressão, o vício, a discriminação, a corrupção, a miséria. Tudo isto sem perder - pelo contrário, agregando - público e desmentindo quem coloca a audiência acima da ética mais primária. Glória Perez, escancaradamente, provou que é possível ser campês de audiência sem precisar baixar as calças à imbecilidade dos brothers.

Daria um braço para ver um debate entre o diretor do Big Brother e a Glória. A guerra entre a baibéria e a tevê responsável. O duelo entre a burrice que vende entretenimento de buraco e fechadura e a competência que alavanca o faturamento com o resgate da dignidade humana. Não vou ver. Quem teria interesse nisso?

A Constituição, no artigo que trata da destinação educativo-cultural dos meios eletrônicos, é hoje refém de um bando de engraxates travestidos de parlamentares que, com raras e conhecidas exceções, não têm feito mais do que justificar as botas dos proprietários das principais emissoras. Não um força sequer para controlar com o rigor que a lei exige a concessão de novos canais ou exigir a prestação de contas para a renovação dos atuais. Mas acho que é pedir demais. As grandes redes mantêm pelo cabresto bancadas lá fora, que alguns de seus membros são até sócios na exploração dos serviços de rádio e tevê. Tá feia a coisa. A menos que a molecada pinte a cara, os corais levanten faixas e cartazes e o

povo leve as panelas pra frente do Congresso ou o Conselho de Comunicação Social assuma suas funções pra valer e coloque ordem na casa, o quadro vai permanecer mesmo. Não adianta apenas chorar, como Lula. É preciso mais. O Congresso, em sua maioria, tornou-se uma espécie de dependente dos holofotes. Precisa, portanto, de uma força, um impulso, uma mãozinha que o retire da imobilidade e lhe permita o poder dos donos dessa boca de fumo?

Paulo José Cunha é jornalista e professor da Faculdade de Comunicação

Expediente

Jornal Laboratório do Departamento de Jornalismo
Campus Universitário Darcy Ribeiro
Faculdade de Comunicação
ICC-Ala Norte - QIB
Caixa Postal: 04660
CEP: 70910-900 - Brasília/DF
PABX: (61) 307-2460

Editora-chefe
SHEILA ASSUNÇÃO

Editora de Opinião
MARIANA SANTOS

Editor de UnB
GUILHERME MACEDO

Editora do Grande Circular
HELENA MACIEL

Editor de Política
NELSON BARRETO

Editor de Cultura
PEDRO BURGOS

Editor de Fotografia
THIAGO SILVEIRA

Direção de Arte
GIOVANA PEREITO

Diagramação
MARIANA NOGUEIRA E RICARDO TORRES

Revisão
FABIANO MESSIAS E IGOR MAX

Coluna Circulo Universitário
RENATA FORREX

Ilustração
CRISTIAN WENJING

Reportagem

AKEMI NITAHARA, ANA KARINE BITTENCOURT, CARLOS AUGUSTO MOURA, CRISTIAN WENJING, DANIEL MADA, DANIEL LERDA, EMILIO GARCIA, FABIANO MESSIAS, GUSTAVO ALVARES, IGOR MARA, JOÃO CLAUDIO NETTO, JOÃO PAULO GOMES, JULIANO PIRES, PEDRO HENRIQUE BARRETO E VINÍCIUS BRITO

Fotografia

CAROLINA POMPEU, EMILIO GARCIA, HELENA MACIEL, PEDRO BURGOS, RENATA FORREX E THIAGO SILVEIRA

Projeto Gráfico

CAMILA NAKAHARA, DANIEL ARAÚJO, GIOVANA PEREITO, JOÃO CLAUDIO NETTO, MARIANA NOGUEIRA, RAFAEL BARBOSA, RICARDO TORRES, VINÍCIUS BRITO

Campus Online

JULIANA AMORIM, CAMILA NAKAHARA, DANIEL ARAÚJO, MANOEL COELHO E RAFAEL BARBOSA

Professores Responsáveis

DAVID RENALTE, MARGA MARIA, HELIO DONIZ, SUSANA DODAL E ZELIA LERDA

Colaborou nesta edição

PAULO JOSÉ CUNHA

Impressão

CORREIO BRASILENSE

Tiragem: 5 mil exemplares

Universidade pública está sendo construída em Planaltina

O mais novo campus universitário no DF reacende discussões sobre elitização do ensino

Guilherme Macedo
Daniele Lessa

O terreno em construção não abriga pedras fundamentais, mas as estacas cravadas no solo vermelho já dão aquela ideia de pioneirismo, bem semelhante à Missão Cruz, que passou por Planaltina há mais de cem anos e, muito tempo depois, deu origem ao que é hoje o Distrito Federal. Já a implantação do campus da UnB na cidade-satélite promete ser mais rápida e deverá ser concluída em, no máximo, oito meses. Ao todo, são 30 hectares de área em pleno cerrado, que têm o objetivo de transformar a vida daquela região e dar um novo sentido à palavra universidade.

Nos Estados Unidos e na Europa o surgimento de um campus universitário não se restringia apenas à reunião de um aglomerado de professores e alunos. Geralmente ele nascia nas veias de pequenas comunidades, que circulavam entre os docentes e se apropriavam da universidade que haviam ajudado a con-

struir. A UnB, apesar de não possuir muros, ainda não conseguiu inserir a população não-universitária ativamente no convívio acadêmico. A reitoria admite o problema e pretende corrigi-lo, implantando em Planaltina uma forma diferente de universidade.

"O que acho mais bonito em Planaltina é que esse é um processo de construção social, o que a UnB não foi", diz o vice-reitor da UnB, Timothy Mulholland. A ideia é aplicar o modelo de Planaltina em outras cidades-satélites do Distrito Federal, como Ceilândia, Samambá e Taguatinga.

A questão da UnB em Planaltina foi levantada pela comunidade local, que apresentou uma proposta junto ao deputado distrital Daniel Marques (PMDB), pedindo a construção do novo campus naquela região. O deputado deu andamento ao projeto dentro da Câmara Legislativa que, em seguida, levou a ques-

Em 30 hectares de cerrado busca-se dar novo sentido à palavra universidade

que não exijam bacharelado e, portanto, formação no nível médio. "Não é necessário que se ofereça um curso tradicional. Podemos oferecer cursos de curta duração, como um sequencial, de dois anos", informa Timothy, que deixa a cargo da população a escolha do que quer receber da nova UnB.

A população, no entanto, parece desconhecer as

formas de se servir de uma universidade além da graduação. O comerciante Francisco Carneiro, membro da associação dos comerciantes da cidade-satélite e defensor da causa frente à Câmara Legislativa, pensa no novo campus de uma maneira bem prática: mais emprego e menos violência na região. "O campus vai melhorar o comércio. A maior carência que a comunidade sofre é de emprego e a UnB vai atrair mais gente para cá e aumentar o número de emprego, com certeza."

Para o professor de Antropologia da UnB José Jorge Carvalho, que estuda movimentos e fenômenos sociais, o campus em Planaltina vai contribuir muito para a auto-estima da população local. Mas isso não significa que o desemprego e a violência irão diminuir com a chegada da universidade. Segundo ele, a solução desses problemas é mais complexa do que a inserção de um campus dentro da cidade.

Ensaio fotográfico no on-line: www.unb.br/fac/campus



ESTACAS marcam o início das obras na cidade de Planaltina

Comunidade acredita em mudanças

A violência também incomoda o comerciante Jaime Gomes Ferreira, dono da Drograria do Jaime. Nascido em Planaltina, ele espera de uma universidade o que o resto da comunidade também espera: oportunidade de vagas para seus filhos e a consequente diminuição da violência. A filha mais velha de Jaime, com idade para entrar na universidade, prestou o vestibular da UnB, mas não conseguiu passar.

"O acesso à UnB é para as pessoas que estudam em escola particular"

Luana Teixeira

A aplicação de um Programa de Avaliação Seriada (PAS) voltado para a comunidade. O vice-reitor afirma que a aplicação da participação pública na gestão universitária é uma das maneiras de eliminar a elitização observada no acesso ao ensino superior. Dessa forma, o modelo da universidade não deve desaparecer. A torre de marfim para onde vão somente os filhos

dos ricos passa a se extinguir", completa ele. O professor de José Jorge, que também desenvolve trabalhos relativos à segregação humana, compartilha com o vice-reitor o desejo de que a UnB tenha o seu acesso democratizado. "A ideia de interiorizar o campus é muito boa. Mas para uma democratização de fato, o acesso da população local aos cursos de graduação deve ser garantido. E para isso, é necessário mexer no vestibular", explica o professor.

José Jorge enfatiza que o mérito do aluno deve combinar com o interesse regional. Dessa forma, os jovens que moram na parte norte do Distrito Federal (Planaltina e Sobradinho) teriam a oportunidade de se formar na própria cidade. E com os conhecimentos adquiridos, contribuir para a melhoria da situação local. "Sem medidas afirmativas que direcionem o processo seletivo, os alunos do Plano Piloto ocuparão as vagas do novo campus. Dessa maneira, o interesse social fica totalmente prejudicado", conclui o professor. (G.M.)

acompanhe mais no on-line: www.unb.br/fac/campus



Vinicius mora em frente ao futuro campus que é a esperança de transformações para a comunidade

Elites dominam cursos universitários

O abismo que separa o diploma de graduação da população não pertencente à elite só faz aumentar. Segundo dados do IBGE apresentados em matéria da Folha de S. Paulo do dia 27 de maio, 48% das vagas no ensino superior são ocupadas pelos 10% mais ricos da população. Em contrapartida, os 50% mais pobres têm uma participação de apenas 6,9% na composição dos alunos.

Quando se analisa que os mais pobres enfrentam as dificuldades estruturais do ensino público, é visível que o critério de seleção de quem entra ou não na universidade é essencialmente econômico. Com uma estrutura de ensino deficiente, o aluno da escola pública não compete em condições de igualdade com os alunos das escolas particulares, com raras exceções.

Concorrência desigual

No primeiro semestre de 2002, dos 106 calouros dos cursos mais concorridos (Medicina, Direito e Jornalismo), apenas 10,3% deles concluíram o ensino médio em escolas públicas. Segundo o vice-reitor, o número de estudantes admitidos do ensino público que ingressam na UnB pelo PAS aumenta a cada ano. No entanto, os cursos mais disputados ainda aparecem fora de alcance.

Dos 18 calouros de Medicina que ingressaram pelo PAS, apenas um concluiu o ensino médio em escola pública. A situação de desigualdade no ensino superior brasileiro é evidenciada em todas as cores quando se considera que o ensino público no Distrito Federal atinge níveis de qualidade sequer imaginados em outras capitais.

Fabiane Schmidt, aluna

de Jornalismo da UnB, fez todo o segundo grau em escolas públicas. Das 38 pessoas de sua turma do Setor Oeste, 18 passaram na UnB. "Mas poucos passaram nos mais disputados. Eu mesma fiz cursinho para entrar na UnB", avalia ela.

Recém formado em Medicina, José Hamilton Vargas também concluiu o ensino médio no Setor Oeste. Explica o fato de ter ingressado no curso mais concorrido da UnB como uma confluência de bons professores e bons amigos. "Tínhamos um pacto de jamais estudar no cursinho ao lado", relembra (o colégio Setor Oeste fica próximo ao colégio Objetivo). "O que fez aquela turma passar foi essa ideologia, provar que não precisávamos da estrutura de colégio particular para entrarmos na universidade." Uma frase de Nelson Rodrigues foi emblemática nessa época.

"A humildade, amigos, acaba aqui, mas o orgulho há muito findou-se". José Hamilton acredita que se o aluno da rede pública não tiver essa mentalidade, não tem chances de ingressar nos cursos de maior concorrência.

A Diretoria de Desenvolvimento Social (DDS) da UnB gerencia a concessão de benefícios para alunos de baixa renda, dentre eles bolsa alimentação e bolsa moradia. Apenas 10,28% dos estudantes fazem uso de algum tipo de benefício.

No 2º semestre de 2001, foram 2061 os beneficiados, em um universo de 24.194 estudantes. "A maioria dos alunos que atendemos são provenientes de escolas públicas e estão concentrados nos cursos de Licenciatura

da área de Ciências Humanas", explica Maria do Socorro Gomes, diretora da DDS.

O ensino superior registrou um aumento de 76,2% na década de 90, dado que em primeira instância sinaliza para a democratização no acesso à formação universitária. No entanto, são as instituições particulares que respondem por tamanho crescimento. De acordo com dados do MEC, havia no Distrito Federal 13 instituições privadas em 1996. Esse número tinha saltado para 40 instituições em 2000.

O número de vagas existentes nas universidades do Brasil era o mesmo de pessoas egressas do segundo grau. Hoje não. "Felizmente o segundo grau está produzindo mais e infelizmente a gente não consegue acompanhar como instituição pública", diz o vice-reitor da UnB.

A alternativa para a falta de vagas nas universidades públicas são as instituições particulares. Aos que são barrados pelo funil do vestibular, restam duas opções: pagar o alto preço das melhores faculdades particulares; ou ainda ingressar em alguma novíssima faculdade de mentalidade mais acessível e padrão de ensino duvidoso.

Muitos não têm a sorte de poder bancar uma faculdade particular e entram para o crescente time dos sem-universidade. Espiam de longe o seletivo grupo dos 12% da população brasileira que tem o privilégio de estar no ensino superior. Espiam também como Vinicius (foto), 5 anos, que morará ao lado da futura universidade. (D.L.)

Os cursos mais disputados estão fora do alcance de alunos da rede pública

Venda de imóveis em favor da ciência

Dinheiro arrecadado ajudará na construção de laboratórios

Carlos Augusto Moura

Os especialistas em mercado imobiliário geralmente desaconselham a venda de imóveis em períodos de crise econômica. Contrariando essa tendência, a Universidade de Brasília colocou à venda 97 apartamentos de seu patrimônio para fazer caixa e viabilizar a construção de novos prédios dentro do campus.

De acordo com o Secretário de Empreendimentos Imobiliários da Fundação Universidade de Brasília, Aloísio Machado, a venda foi bem sucedida, já que mais de 100 propostas foram feitas e 49 imóveis vendidos. Ele esperava atingir apenas metade dos R\$ 14 milhões previstos, mas pelo menos R\$ 8 milhões e meio devem ser arrecadados. Aloísio ressalta que mesmo com os salários defasados da população não é possível esperar a situação mudar para depois negociar. "Como era uma licitação pública, a gente tinha que tentar vender e eu não vejo uma perspectiva melhor em curto prazo", avalia Machado.

A urgência tem dois motivos. O primeiro é a pressão que a UnB sofre para vender seus apartamentos em um mercado imobiliário ainda aquecido, como é o caso do Distrito Federal. A segunda razão é melhorar as instalações acadêmicas que nos últimos vinte anos aumentaram muito pouco: mais exatamente dois pavilhões de salas de aula e um Centro de Turismo. Por isso o dinheiro gerado na venda dos apartamentos tem um destino certo. Será investido na construção de quatro prédios e que irão abrigar as áreas de Física, Química, Biologia e Geociências. O custo dos qua-

tro prédios está orçado em R\$ 22,8 milhões.

Para fora do ICC

Com a arrecadação iminente o vice-reitor, Timothy Mulholland, já fala em prazos. Timothy aposta que em novembro as obras da primeira unidade devem começar e já no próximo ano o primeiro prédio será inaugurado.

Para o arquiteto diretor do Centro de Planejamento, Alberto de Faria, o prazo é razoável. Segundo ele, os projetos dos prédios foram feitos dentro do padrão arquitetônico da UnB. São de construção rápida e funcional. O local das obras já foi escolhido, abaixo da Faculdade de Saúde. Falta saber qual dos institutos será o primeiro a mudar de endereço.

Todos são fortes candidatos, já que têm problemas para funcionar corretamente dentro da arquitetura do Instituto Central de Ciências, o Minhocão. O Instituto de Biologia (IB) pode ser o primeiro a ganhar prédio individual por uma questão de espaço. O IB ocupa 12 mil metros quadrados dentro do Minhocão, 11% do espaço total do ICC. Com graduação, mestrado e doutorado são 891 alunos, 111 professores e 35 laboratórios incluindo o famoso herbário.

O principal problema do ICC para as áreas experimentais está na falta de ventilação dos laboratórios, ausência de rede de esgoto adequado para receber rejeitos químicos e rede de energia sem capacidade para máquinas de grande porte.

De acordo com a diretora do IB, Ivone Rezende Diniz, a mudança tem que ser urgente. "O prédio não comporta mais o número de pessoas e em alguns casos é questão de insalu-



Vista de imóveis garantirá novas instalações para a universidade

bridade", desabafa.

Alberto Faria, entretanto, avisa que nada será feito de uma vez e que os prédios serão iniciados somente com recursos garantidos. Para ele mesmo com certa autonomia, a UnB também precisa seguir a Lei de Responsabilidade Fiscal.

Patrimônio igual

O que pode parecer muito é na verdade apenas uma pequena parcela do patrimônio que a UnB possui fora do campus. São mil e trezentos apartamentos construídos em regime de permuta com empresas da cidade.

Se as 49 propostas vencedoras forem confirmadas, esta pode ser a saída para a UnB transferir parte de seu patrimônio para

dentro do campus e cumprir o seu plano de ocupação que prevê uma estrutura para 35 mil alunos na Asa Norte de Brasília.

De acordo com os responsáveis pela venda, mesmo se todas as 87 unidades ofertadas fossem negociadas, não haveria redução no patrimônio original da instituição. Isso porque os terrenos que a UnB negocia com as construtoras são trocados por apartamentos nos mesmos edifícios.

Os imóveis recebidos valem em média 3,8 vezes mais que o preço dos terrenos antes da edificação. "Isso significa que podemos vender uma parte sem diminuir o patrimônio original", explica o vice-reitor da UnB.

Thiago Silveira

Circuito Universitário

Bem Comum e Solidariedade

Este simpósio nacional tem o objetivo de descrever a realidade sócio-econômico-política brasileira, após uma década de experiência neoliberal e às vésperas das primeiras eleições presidenciais do século XXI.
Unisinos (RS)
12 a 14 de novembro
www.inf.unisinos.br

Informática na Educação

O XIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação terá como tema principal "Metodologias, Tecnologias e Aprendizagem dentro do cenário de Informática na Educação".
Unisinos (RS)
12 a 14 de novembro
www.inf.unisinos.br

54ª reunião da SBPC

Encontro dos Grupos Pets

O VII Encontro Nacional dos Grupos Pets (Programa Especial de Treinamento) pretende atingir o seu caráter integrador, tanto entre os grupos PETs, quanto com as instituições que o programa está vinculado.
Universidade Federal de Goiânia
9 a 11 de julho de 2002
http://www.ufg.br/enapet/index.html

Biodireito - Curso a distância

Os avanços biotecnológicos têm colocado a humanidade frente a situações inusitadas. Diante disso, questões emergentes devem ser pensadas: até onde avançar sem agredir o ser humano? Como controlar a crescente "biologização" do homem? O curso se destina a operadores do direito, profissionais das áreas de biologia e Ciências Humanas, inscrições abertas (120 vagas).

O curso começa 16 de setembro e vai até o dia 29 de novembro de 2002
www.virtual.pucminas.br

Meio Ambiente

A realização da XIV Reunião de Manejo e Conservação do solo e da água propõe o aprofundamento de pontos essenciais para a qualidade de vida em sociedade. A escolha da cidade de Cuiabá/MT como sede foi feita por tratar-se da mais importante região produtora de grãos e fibra do País.

Universidade Federal do Mato Grosso
21 a 26 de julho de 2002
www.ufmt.br

HUB recebe novos equipamentos com o Programa de Modernização

Renata Forrer

O Hospital Universitário de Brasília (HUB) esperou seis anos para ter todas as solicitações de material hospitalar atendidas. A espera terminou no dia 5 de junho, quando os últimos equipamentos, previstos no Programa de Modernização e Qualificação do Ensino Superior, do Ministério da Educação, foram entregues para os setores de Radiologia e Cirurgia Ambulatorial.

O desenvolvimento da infra-estrutura dos Hospitais Universitários pretende consolidá-los como centros de excelência no ensino e na pesquisa.

O Ministério da Educação (MEC), ao desenvolver esse programa, solicitou ao HUB que providenciasse uma lista com os materiais que precisavam ser adquiridos ou renovados.

O pedido foi feito e ao longo de seis anos alguns equipamentos chegaram. No entanto, a partir do fim do ano passado as entregas foram intensificadas e contemplaram áreas como a radiologia, ginecologia, otolaringologia e outras.

O Hospital Universitário de Brasília, embora receba pacientes que necessitam de internação, tem como marca registrada o tratamento ambulatorial, ou seja, aquele em que o paciente é tratado e, em seguida, liberado.

Além de ser uma característica do HUB, isso também acontece com a medicina moderna, que faz a permanência do paciente no hospital um momento breve.

Endoscópios para a retirada de pequenos miomas do útero podem ser realizados ambulatorialmente e a paciente vai para casa logo após o procedimento.

A radiologia, há quatro anos, era motivo de vergonha, com equipamentos antigos, sem peças para reposição.

Segundo o Dr. Cláudio Freitas, Diretor do HUB, era preciso fazer o que ele chama de cambalinho, ou seja, eles retiravam peças de uma máquina mais antiga e colocavam em outra. Os equipamentos estavam sucateados. A situação era tão precária que uma sim-

ples radiografia de tórax não podia ser realizada no hospital.

Agora com os novos e modernos aparelhos poderosos, afirma que o Hospital Universitário tem um dos melhores centros de radiologia de Brasília. Tomógrafos, aparelhos de ultra-som de última geração, um magneto que realiza biópsia dirigida e auxilia na cirurgia, fazem parte agora do Hospital Universitário.

Igor Marx

Para a aquisição dos equipamentos do HUB e de outros departamentos da universidade, a UnB contou com o "Programa de Modernização do Ensino Superior", criado pela Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação (MEC). O orçamento do programa para a universidade é estimado em R\$ 18 milhões. O objetivo do projeto é renovar as práticas e metodologias de ensino, reequipando a estrutura física



Tomógrafo recebido pelo HUB faz parte dos equipamentos doados pelo Programa de Modernização

Incentivo do MEC beneficia a universidade com R\$ 18 milhões

Os laboratórios e oficinas didáticas das 52 universidades federais do Brasil e dos 45 hospitais vinculados às instituições.

O material do ministério será um grande avanço não só para a UnB, mas para todas as universidades em geral", afirma a professora da Faculdade de Comunicação, Dácia Bispinha, que acompanhou o desenvolvimento do projeto. Para ela, os equipamentos audiovisuais e de edição prometidos à faculdade pelo programa devem

melhorar muito suas condições de ensino.

Já para o diretor da Faculdade de Tecnologia, Humberto Abdalla Júnior, os aparelhos do MEC não devem proporcionar grandes mudanças aos cursos de Engenharia Civil e Elétrica que também esperam os aparelhos. Dácia e Humberto concordam, entretanto, que o material já deveria ter chegado há algum tempo. "Houve um atraso muito grande em função da burocracia e da atualização tecnológica do equipamen-

to", acrescenta a professora de Comunicação.

Iniciado em 1996, o programa recebeu os pedidos das universidades e até hoje não realizou todas as entregas previstas. Segundo o assessor do Programa do MEC, Paulo Henrique Brandão, os motivos para o atraso foram as disputas judiciais, crises econômicas internacionais, cortes no orçamento, além de um longo trâmite operacional que marcou o período de implantação e desenvolvimento do projeto.

Professor da Biologia concorre a "Nobel" da alimentação

Melhoramentos genéticos da mandioca podem render inédita premiação internacional

Emílio Garófalo

O professor emérito da UnB, Nagib Nassar, pode ganhar este ano um prêmio inédito para a comunidade científica brasileira. Ele concorre pela quarta vez ao World Food Prize, tendo sido indicado pelo conjunto de sua extensa obra científica.

O professor é egípcio e vive no Brasil há 28 anos. Ele se destaca no cultivo, catalogação e desenvolvimento da mandioca.

O World Food Prize (WFP) é o equivalente ao prêmio Nobel de pesquisa em alimentação. Foi criado em 1986, sendo desde então uma homenagem aos pesquisadores que contribuem para o avanço no desenvolvimento humano, por meio da melhoria na quantidade, qualidade e disponibilidade de alimentos no planeta.

O professor de 64 anos foi indicado pelo Centro Internacional de Pesquisa e Desenvolvimento do Canadá para concorrer a um prêmio de US\$ 250 mil.

Nagib pode ganhar o prêmio pelos 30 anos de trabalho realizado. Ele já publicou 52 artigos em revistas internacionais.

Para Nagib, mais importante que o dinheiro é o reconhecimento e o prestígio no meio científico e afirma que vai utilizar o valor do prêmio para criar um fundo de apoio à pesquisa para o Departamento de Genética e Morfologia.

"Vou ajudar todos meus colegas jovens em início de carreira", diz o biólogo.

Preservação da mandioca

Nagib chegou ao país em 74, por meio de um acordo de cooperação científica entre o Brasil e Egito. Durante quatro anos dedicou-se a coletar e a catalogar as diversas espécies de mandioca silvestre no país. Completou uma coleção viva de 42 espécies, ajudando a preservá-las da ameaça de extinção. "É o

portuno para o Brasil e para o mundo salvar e aproveitar o patrimônio da mandioca", afirma.

"É oportuno para o Brasil e para o mundo salvar e aproveitar o patrimônio da mandioca"

Nagib Nassar

zes mais ricas em proteínas. A mandioca é um alimento muito popular no Brasil, sendo rica em carboidratos, mas pobre em proteínas. Com as pesquisas de Nagib, surgem novas possibilidades para a nutrição brasileira e mundial.

Para o nutricionista Daída Lopes a notícia é boa: "O fato desse cientista ter aumentado o percentual de proteínas é fantástico. Servirá principalmente para a população carente, que tem fácil acesso ao alimento nos supermercados".

Nagib adquiriu a cidadania brasileira e ama viver no país. Parte do dia no Laboratório da Mandioca, que fica na Estação Experimental de Biologia da UnB. Orienta alunos de pós-graduação e estagiários do curso de biologia.

O ambiente é tranquilo e o professor recebe os visitantes com doces e disposição para conversar. Pai de quatro filhas adultas, não pensa em voltar para o Egito. Pretende continuar colecionando mandioca e melhorando as espécies.

SAIBA MAIS

A mandioca é excelente fonte de carboidratos, cálcio e fósforo. Também tem boa quantidade de vitamina C. As folhas da mandioca são ricas em vitamina A e ferro. Antes do consumo a folha deve ser desidratada por conter uma alta concentração de ácido cianídrico.



Professor Nagib aumenta concentração de proteína na mandioca

Ginástica gratuita estimula terceira idade na prática de exercícios

Projeto de extensão da Faculdade de Educação Física dá bom resultado para idosos

Ang Karine Bittencourt

Levantar peso, fazer alongamento e abdominais são exercícios fáceis para Célia Maria Ferreira, 80 anos, integrante ativa do grupo de musculação do Programa de Atividade Física para pessoas com diagnóstico de doença crônica-degenerativas. Apesar do nome complicado, o

programa encontra grande aceitação na população carente portadora de osteoporose e diabetes tipo II. As turmas de musculação existem desde o 2º semestre de 2001 e fazem parte de um projeto de pesquisa e extensão, coordenado pela professora Marisete Falcão da Silva, da Faculdade de Educação Física da universidade.

O programa atende prioritariamente idosos encaminhados pelo Hospital Universitário de Brasília (atualmente as turmas contam com cerca de 10% de alunos não idosos ou pacientes de outros hospitais).

Há dois grupos em funcionamento, com aulas segundas, quartas e sextas, sendo de 8h às 9h da ma-

nhã o grupo de osteoporose com 30 pessoas, e das 10h às 11h30, o grupo de diabetes tipo II, com 15 pessoas. Por ser uma forma de retorno da Universidade à sociedade, não é cobrada nenhuma taxa aos alunos.

Para a turma de osteoporose foram conseguidos exames de densitometria óssea de graça. "Esses exames serão repetidos este

ano para avaliarmos o ganho de massa óssea", explica Aurélio, professor da turma. Além de contar com o apoio dos alunos, o programa conta com a médica Ana Patrícia do HUB que avalia os pacientes e encaminhados.

Os alunos provêm das mais diversas áreas de Brasília, desde Asa Norte até São Sebastião, por exem-

plo. A líder do grupo, Eunice de Almeida, 57 anos, explica que essa oportunidade beneficia a todos, indo além da prática de exercícios e trazendo espaço para convivência, amizade e combate à solidão na velhice. Todos se unem para que os colegas não desistam.

Célia Maria completa: "os professores são como filhos para nós".

Visita ao Museu de Anatomia ajuda alunos a descobrir mistérios do corpo humano

Gustavo Álvares

Muitos alunos da UnB já ouviram falar, outros dizem que acham que existe e há os que conhecem, mas não sabem onde fica. Quase escondido dos alunos, o museu de anatomia da Faculdade de Medicina iniciou o seu acervo em 1977, mas somente em 88 foi aberto ao público. Desde então, a visitação ao local nunca foi tão grande quanto o esperado. O Projeto de Extensão para o Museu pretende promover uma maior divulgação do local.

Coordenado pela professora Ana Lúcia Sarmiento, trata-se de um projeto de reestruturação, que começa pelas instalações, um espaço mais amplo, adequado e acessível é a prioridade.

Outros pontos enfatizados pela coordenadora são a informatização, proporcionando aulas interativas com a utilização de materiais como CD-ROMs, e a inclusão do museu no roteiro turístico-didático da UnB, tornando-o um ponto de visitação obrigatório.

O projeto já foi encaminhado ao Decanato. Se aprovado, além das melhorias, novos profissionais técnicos poderão

ser contratados e alunos bolsistas terão dedicação exclusiva aos visitantes, o que hoje é impossível. Mas a aprovação esbarra em um ponto conhecido por todas as faculdades da UnB: a falta de recursos.

Reaberto desde 97 após dois anos de inatividade, o museu pode ser visitado em uma sala menor que a anterior, agora utilizada pela pós-graduação do curso de Medicina.

É uma sala de aula comum, adaptada com algumas estantes nos seus cantos, onde as peças ficam expostas. Não há nenhuma seta, placa ou qualquer outra coisa que guie os visitantes até o local, mas ainda é montado de peças que ocorria enquanto esteve fechado.

A professora Iolanda Galindo, uma das responsáveis pelo acervo, decidiu retornar às atividades do museu, apesar do espaço precário e da falta de tempo dos técnicos. "O fechamento foi uma perda grande para a faculdade. Além

disso, o descaso contribuiu para a perda de algumas peças", afirma.

O título de "museu" foi concedido pelos visitantes do local, como explica Abel Barbosa, responsável técnico. "Falta organizar mais um pouco para podermos realmente chamá-lo assim".

Abel conta de preparadas peças para serem expostas e acompanhar os visitantes. Dividindo seu tempo entre o auxílio aos alunos em matérias da Medicina e a dedicação ao museu, o técnico também diz que falta recursos para a melhor estruturação do recinto.

Para começar pelos mostruários.

Peças cuidadosamente preparadas para serem expostas acabam tendo que ser acomodadas em recipientes inadequados. Por exemplo, não é nada difícil encontrar um encefalo dentro de um vidro de azeitona ou pequenas clavículas num vidrinho de remédio. "É claro que não vamos deixar de preparar e de receber as peças por falta de frascos", defende Iolanda Galindo.

A maioria dos órgãos do acervo são de indigentes, outros são provenientes de

doações.

A primeira visita, o único problema é a apatia, mas além de prejudicar a observação do material, a má acomodação pode deteriorar peças que normalmente teriam uma vida útil maior. "Aqui temos crânios e ossos com até 25 anos. Outras não duram o que deveriam e devem ser repostas", conta Abel.

O olhar dos visitantes

Grande parte dos visitantes vem de agendamentos de escolas públicas e particulares, que levam turmas para a apreciação de objetos que dificilmente serão vistos em sala de aula.

Em uma dessas visitas, o professor João Gutemberg, do Centro Educacional Polivalente do Valparaíso, explica a importância dessa atividade extra-classe, proporcionada pelo museu: "Na sala de aula temos muita teoria. É mais fácil e prazeroso de se aprender visualizando".

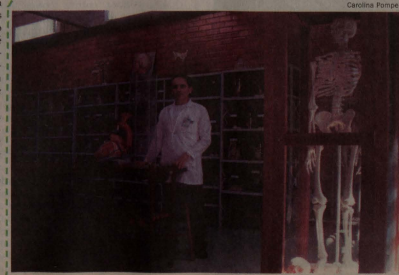
O primeiro contato causa um certo impacto e

receio aos alunos dos 2º e 3º anos do professor Gutemberg, que poucos minutos depois vão se soltando e chegam até a brincar com as peças e a fazer piadas. As meninas prestam mais atenção aos fetos, principalmente aos que sofreram anomalias. "Já tinha visto um feto, pequeno, mas por causa de um abortamento natural. Nada parecido com esses defeituosos", espanta-se Gabriela Amorim do 2º ano.

Mas a maioria dos alunos faz coro com João Renato Mota, também do 2º ano: "É tudo muito legal, bem diferente, mas se tivesse um defunto aqui seria bem melhor. Eu queria mais sangue!". A ideia é essa. Podemos em breve por um aqui", rebate o técnico do museu.

Serviço

O Museu de Anatomia da Universidade de Brasília fica localizado na Faculdade de Saúde (FS), 2º andar. Visitas apenas com hora marcada e agendadas pelo telefone: 307-2272. Tratar com Abel Barbosa (responsável técnico)



Abel Barbosa é responsável técnico do museu e prepara as peças para a visitação pública

Tratamento de dependentes químicos vai ter apoio da UnB

Ministério da Saúde liberou verba de R\$ 1,89 milhão para capacitar médicos e psicólogos

Helena Mader
Jódo Cláudio Netto
Viviane Brito

Os dependentes químicos do Distrito Federal que precisam recorrer à rede pública de saúde para buscar tratamento serão atendidos a partir de agora por profissionais capacitados pela UnB. A Universidade foi uma das dez instituições do País credenciadas pelo Ministério da Saúde para treinar profissionais no atendimento a dependentes químicos. Psicólogos, assistentes sociais e médicos vão aprender como prevenir e tratar o problema das drogas nos hospitais do Sistema Único de Saúde (SUS).

A iniciativa faz parte do Programa Nacional de Atenção Comunitária Integrada a Usuários de Alcool e outras Drogas, criado no dia 30 de abril pelo ministro da Saúde Barjas Negri. O objetivo é, gradualmente, implantar em todo o País Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) que ofereçam serviços extra-hospitalares para dependentes químicos. O Ministério da Saúde informou que serão investidos R\$ 1,89 milhão na capacitação de profissionais aptos a atuar nesses centros. No Distrito Federal, serão construídos dois CAPS.

O Programa de Estudos e Atenção às Dependências Químicas (Prodequi), coordenado pela professora do Instituto de Psicologia Maria de Fátima Sudbrack, será um dos encarregados de capacitar os profissionais da área de saúde para lidar com o problema das drogas. Maria de Fátima alerta

para a importância de uma assistência profissionalizada. "O tratamento de dependências químicas não pode ficar apenas nas mãos de voluntários, religiosos e ex-dependentes. É uma questão de cidadania, de saúde", critica.

Maria Cristina Catunda, psicóloga do Programa de Atendimento ao Alcoolismo, do Hospital Universitário de Brasília, acredita que a religiosidade é importante para a cura do viciado, "mas muitas vezes o dependente recebe uma identidade pré-fabricada e se apoia na religião para fugir dos problemas reais. Ele troca uma dependência por outra", justifica.

Um exemplo disso é a Casa de Recuperação Força para Vencer, na Ceilândia. Lá, os internos não são submetidos ao tratamento médico e psicológico, nem recebem medicamentos. O remédio para se livrar do vício é outro: a religião. O espaço possui uma capela, onde a presença para os internos é obrigatória. "Apenas Deus me deu forças para largar o álcool e só Ele vai me ajudar a continuar abstinente quando deixar a casa", conta Hélio Gonçalves, de 26 anos, um dos internos da Força para Vencer.

"A gente não obriga ninguém a virar evangélico. Se a pessoa se converter, ótimo, mas o que a gente busca é livrá-la das drogas", explica Tony Lopes, coordenador da Casa de Recuperação Força para Vencer.

O Centro de Tratamento Desafio Jovem, em Planaltina, também possui um vínculo forte com a religião. Fundado pelo pastor Gaudino Moreira Filho, o centro conta hoje com religiosos, psicólogos, psicanalistas e enfermeiros acompanhando o tratamento dos internos. Há também reuniões com as famílias. "Em 99% dos casos, a dependência das drogas é fruto de problemas familiares e a família é até mais difícil de tratar que os próprios dependentes", diz Ernesto Müller, um ex-dependente e atualmente supervisor do centro.

Efeito Close

A ocupação do Ministério da Saúde em suprir a carência de profissionais especializados em dependências químicas na rede pública de saúde tem uma boa justificativa: a procura por tratamento dobrou nos últimos meses em várias capitais do País. Mas a razão para esta conscientização não está em nenhuma campanha do governo, nem na insistência de ver os filhos sob o efeito das drogas. Este resultado é fruto da abordagem da escritora Glória Perez de um assunto polêmico, na novela "O Clone", da Rede Globo.

Mostrado de maneira realista, o drama de uma jovem de família rica, que vê sua vida em ruínas após um envolvimento com drogas como a cocaína e a maconha, motivou diversos jovens e adultos a também procurarem ajuda. A repercussão foi tão grande que o governo resolveu pagar carona no sucesso da trama para divulgar o Dia Mundial do Combate às Drogas, comemorado em 26 de julho. A Secretaria Nacional Antidrogas (Senad) está promovendo palestras com a escritora Glória Perez para crianças e jovens, abordando o problema das drogas.

A Senad confirma o sucesso da novela. Segundo o assessor de imprensa do órgão, Fabiano Lana, após "O Clone", a busca por tratamento no Narcóticos Anônimos do Rio de Janeiro dobrou. Em Pernambuco, o crescimento foi de 50%, em São Paulo, de 16%. Em Brasília, a ouvidoria da Senad, que recebe 700 ligações por mês, passou a receber 4 mil.



Wanderley Carvalho, interno do centro de recuperação Força para Vencer, tenta se livrar do vício há um mês

"A novela desmistificou a imagem dos usuários de drogas e estimulou quem tinha medo de buscar tratamento", explica a psicóloga Maria de Fátima Sudbrack.

Dentro dos centros de recuperação, o dia-a-dia é uma batalha diária contra o vício. Os internos geralmente têm as mesmas histórias: começaram a usar drogas na adolescência, por influência de amigos.

Com Wanderley Carvalho, não foi diferente. O envolvimento com as drogas começou cedo. Júnior, como é chamado o garoto de aparelho nos dentes e sorriso fácil, conheceu a droga aos 10 anos. "Fumar maconha fazia parte da minha vida, eu fumava uns dez baseado todo dia",

lembra. Aos 16 anos, Júnior começou a cheirar cocaína. "Vi muita gente se acabando", diz. Ele tenta se livrar do vício há um mês, na Casa de Recuperação Força para Vencer. "Quando sair não vou procurar, mas se me oferecerem confesso que não sei se consigo dizer não", lamenta.

A dificuldade de se afastar das drogas também foi grande para Edvaldo da Silva, de 41 anos. Ele começou a se envolver com drogas como a maconha e a merla aos 17 anos e aos 31 virou traficante. "Perdi minha família e vendi tudo, da geladeira à tomada", lamenta. Com o tratamento, virou evangélico. "Consegui salvar minha vida",

Com Wanderley Carvalho, não foi diferente. O envolvimento com as drogas começou cedo. Júnior, como é chamado o garoto de aparelho nos dentes e sorriso fácil, conheceu a droga aos 10 anos. "Fumar maconha fazia parte da minha vida, eu fumava uns dez baseado todo dia",

lembra. Aos 16 anos, Júnior começou a cheirar cocaína. "Vi muita gente se acabando", diz. Ele tenta se livrar do vício há um mês, na Casa de Recuperação Força para Vencer. "Quando sair não vou procurar, mas se me oferecerem confesso que não sei se consigo dizer não", lamenta.

A dificuldade de se afastar das drogas também foi grande para Edvaldo da Silva, de 41 anos. Ele começou a se envolver com drogas como a maconha e a merla aos 17 anos e aos 31 virou traficante. "Perdi minha família e vendi tudo, da geladeira à tomada", lamenta. Com o tratamento, virou evangélico. "Consegui salvar minha vida",

Com Wanderley Carvalho, não foi diferente. O envolvimento com as drogas começou cedo. Júnior, como é chamado o garoto de aparelho nos dentes e sorriso fácil, conheceu a droga aos 10 anos. "Fumar maconha fazia parte da minha vida, eu fumava uns dez baseado todo dia",

Estudantes driblam aulas para não perder jogos da Copa do Mundo

Frequência dos alunos cai e professores questionam fanatismo do brasileiro pelo futebol

Fabiano Messias
Pedro Burgos

A Copa do Mundo sempre modificou o dia-a-dia dos brasileiros. Este ano, não é diferente. Mas agora, há um sério agravante: a bola rola com doze horas de diferença no fuso. O resultado é que, durante todo o mês de junho e até o en-

fermeio, os brasileiros

estão perdendo jogos da

Copa do Mundo.

Por isso, muitos

estudantes estão

faltando às aulas.

Os professores

estão questionando

o fanatismo dos

brasileiros pelo

futebol.

Alguns

professores

estão

questionando

o fanatismo

dos

brasileiros

pelo

futebol.

Alguns

professores

estão

questionando

o fanatismo

dos

brasileiros

pelo

futebol.

cerramento da copa, os estudantes que gostam de acompanhar o futebol ficam, no mínimo, com sono durante as aulas. E não importa se o jogo é Japão e Bélgica ou França e Uruguai. Por todo o campus, há gente arranjando um jeito de acompanhar o mundial.

A retórica divulgada cir-

cundamente é a flexibi-

lização da jornada de tra-

balho dos servidores du-

rante os jogos da seleção

brasileira na primeira fase.

Mas, independentemente

da posição oficial da Uni-

versidade, o que se vê em

vários departamentos, é

uma queda na frequência

dos alunos.

O Departamento de Eco-

nomia expulsa cartazes na

faculdade informando que

as atividades acadêmicas

não seriam alteradas por

conta das partidas. Já al-

guns professores do De-

partamento de Administra-

ção concordaram em comen-

çar as aulas um pouco mais

tarde, dando a oportuni-

dade para que os alunos

possam ver o Brasil em

campo.

O professor Antônio

Brussi, do Departamento

de Ciência Política, entrou

em acordo com os alunos:

"A copa de 70 foi muito uti-

lizada pelo regime autori-

tário para dispersar a aten-

ção da população para os

problemas de desrespeito

aos direitos humanos", diz

o professor. Segundo ele,

com a retomada da demo-

cracia, o esporte é visto co-

mo uma grande paixão,

mas não configura um sím-

bolo de patriotismo.

Porém, há muitos alunos

alheios à discussão. Para

Alberto Câmara, aluno de

Matemática, as aulas não

deviam ser afetadas, mes-

mo que a seleção brasileira

estivesse jogando. "Eu não

ganhava nada vendo jogo de

futebol, as aulas rendem

muito mais. Além disso,

não vou acordar de ma-

drugada para ver a copa",

garante.

no seu departamento deve-

hiam ser suspensas. "Ver o

Brasil jogar é demonstrar

patriotismo. Mesmo que

tenha aula no dia do jogo,

eu vou faltar", afirma o

estudante, entusiasmado

com a participação da seleção

no mundial.

O professor José Alves

Donizetti, do Departamen-

to de Ciência Política, expli-

ca que a associação entre

patriotismo e esporte teve

origem na ditadura militar.

"A copa de 70 foi muito uti-

lizada pelo regime autori-

tário para dispersar a aten-

ção da população para os

problemas de desrespeito

aos direitos humanos", diz

o professor. Segundo ele,

com a retomada da demo-

cracia, o esporte é visto co-

mo uma grande paixão,

mas não configura um sím-

bolo de patriotismo.

Porém, há muitos alunos

alheios à discussão. Para

Alberto Câmara, aluno de

Matemática, as aulas não

deviam ser afetadas, mes-

mo que a seleção brasileira

estivesse jogando. "Eu não

ganhava nada vendo jogo de

futebol, as aulas rendem

muito mais. Além disso,

não vou acordar de ma-

drugada para ver a copa",

garante.

Porém, há muitos alunos

alheios à discussão. Para

Alberto Câmara, aluno de

Matemática, as aulas não

deviam ser afetadas, mes-

mo que a seleção brasileira

estivesse jogando. "Eu não

ganhava nada vendo jogo de

futebol, as aulas rendem

muito mais. Além disso,

não vou acordar de ma-

drugada para ver a copa",

garante.

Porém, há muitos alunos

alheios à discussão. Para

Alberto Câmara, aluno de

Matemática, as aulas não

deviam ser afetadas, mes-

mo que a seleção brasileira

estivesse jogando. "Eu não

ganhava nada vendo jogo de

futebol, as aulas rendem

muito mais. Além disso,

não vou acordar de ma-

drugada para ver a copa",

garante.

Porém, há muitos alunos

alheios à discussão. Para

Alberto Câmara, aluno de

Matemática, as aulas não

deviam ser afetadas, mes-

mo que a seleção brasileira

estivesse jogando. "Eu não

ganhava nada vendo jogo de

futebol, as aulas rendem

muito mais. Além disso,

não vou acordar de ma-

drugada para ver a copa",

garante.

Porém, há muitos alunos

alheios à discussão. Para

Alberto Câmara, aluno de

Matemática, as aulas não

deviam ser afetadas, mes-

mo que a seleção brasileira

estivesse jogando. "Eu não

ganhava nada vendo jogo de

futebol, as aulas rendem

muito mais. Além disso,

não vou acordar de ma-

drugada para ver a copa",

garante.

Porém, há muitos alunos

alheios à discussão. Para

Alberto Câmara, aluno de

Matemática, as aulas não

deviam ser afetadas, mes-

mo que a seleção brasileira

estivesse jogando. "Eu não

ganhava nada vendo jogo de

futebol, as aulas rendem

muito mais. Além disso,

não vou acordar de ma-

drugada para ver a copa",

garante.

Porém, há muitos alunos

alheios à discussão. Para

Alberto Câmara, aluno de

Matemática, as aulas não

deviam ser afetadas, mes-

mo que a seleção brasileira

estivesse jogando. "Eu não

ganhava nada vendo jogo de

futebol, as aulas rendem

muito mais. Além disso,

não vou acordar de ma-

drugada para ver a copa",

garante.

Porém, há muitos alunos

alheios à discussão. Para

Alberto Câmara, aluno de

Matemática, as aulas não

deviam ser afetadas, mes-

mo que a seleção brasileira

estivesse jogando. "Eu não

ganhava nada vendo jogo de

futebol, as aulas rendem

muito mais. Além disso,

não vou acordar de ma-

drugada para ver a copa",

garante.

Porém, há muitos alunos

alheios à discussão. Para

Alberto Câmara, aluno de

</

Movimentos universitários não conseguem atrair os jovens

Professores apontam como causa a falta de representatividade das entidades estudantis

Juliano Pires
Mariano Santos

Maria Angélica, caloura do curso de Nutrição, não sabe ao certo a função do seu Centro Acadêmico (CA), e nem onde fica. "Tô de parecer inútil, mas o meu CA ainda não se apresentou para os calouros, a direção parece ser bagunçada e a única atividade foi um trote muito mal organizado", reclama.

Mas a insatisfação e o desconhecimento com relação ao movimento estudantil não é exclusividade de Angélica. A estudante Marina Dessen, do 6º semestre de psicologia, concorda com a aparente inutilidade da representação dos estudantes. "Não sei nada sobre o meu CA, apenas que eles fizeram um jornal que deu a maior confusão. O DCE então, nem sei qual é a função", comenta, aos risos.

O Diretório Central dos

Estudantes (DCE), deveria representar os alunos junto à Retoria e às entidades de representação dos estudantes (UNE e Uneshb). Mas, depois de um período de disputas entre correntes ligadas a partidos políticos, a Unb ficou um ano sem a entidade, e só voltou a tê-lo quando as regras da eleição anterior foram alteradas e o quórum mínimo diminuiu para que a disputa fosse válida.

Razões e soluções

Marcelo Arruda, coordenador de Pesquisa do DCE, reconhece que infelizmente há muitas pessoas no próprio movimento que não se importam com a falta de participação dos alunos. "Queremos voltar ao cotidiano dos estudantes e sabemos que isso ocorrerá pelo trabalho comunitário", acredita.

De acordo com o professor Paulo Kramer, do Instituto de Ciência Política e

Relações Internacionais, o desinteresse não se limita ao cenário universitário. "Os estudantes não se sentem representados nem por seus líderes político-partidários, nem por seus departamentos acadêmicos, e isso os desmotiva", afirma Paulo Kramer.

O professor Pedro Demo do Departamento de Sociologia diz que a retração dos movimentos sociais ocorre também em partidos e sindicatos no mundo.

No caso da Unb, Demo explica que essa alienação pode ser reforçada pelo fato de a maioria dos alunos ser das classes média-alta e alta, o que contribui para a apatia em relação aos movimentos sócio-políticos.

O ex-integrante do CA de Biologia, Igor Homem de Carvalho, do 8º semestre, acredita que não há espaço na universidade para os "antiquados idealistas".

O pensamento predo-



CADERNAS VAZIAS no debate do dia 05 de junho no Centro Comunitário representam desmotivação dos alunos

minante é aquele da ótica do mercado. A maioria dos alunos é de classe alta, então por que deveriam querer mudar as regras do jogo?", questiona Igor.

Ele diz que a única saída possível para o movimento estudantil é promover uma universidade mais voltada para os excluídos e para cursos de extensão.

Programas deste tipo existem em alguns CAs. Um exemplo é o Trote Cidadão, no qual os calouros são convocados para doar sangue ou promover outras ações solidárias.

Kramer acrescenta que os cursos pré-vestibulares montados por alunos da Unb, que beneficiam vestibulandos carentes, é outro

exemplo de participação dos jovens.

"Uma adaptação a esse novo cenário começa com a mobilização dos jovens em movimentos micro, partindo do que está mais próximo, em projetos que estudantes e professores possam ter uma participação mais direta", sugere o professor Paulo Kramer.

Brasil em Questão promove discussão sobre a diversidade regional

Fórum analisa desigualdades regionais como ameaça à unidade nacional

Nelson Barretto
Juliano Pires

A Unb realizou a oitava rodada de debates do Fórum Brasil em Questão - A Universidade e as Eleições Presidenciais com o tema Diversidade Regional Brasileira. Presidido pelo reitor Lauro Mohry, a reunião foi realizada no Centro Comunitário em 05 de junho.

Coordenado pelo professor de Economia da Unb, Marcos Formiga, o painel teve a participação do senador Eduardo Suplicy (PT-SP), da professora que na música Triste Despedida, cantada por Lúcia Gonzaga, mostra o nordestino errante e sofrido tan-

na, Maria Cristina Mac Dowell, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), e do professor Armando Mendes, consultor da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre a Amazônia.

O senador Eduardo Suplicy apontou o seu projeto de Renda de Cidadania, que garantiria uma renda mensal mínima a todos os brasileiros, como forma de vencer as desigualdades regionais e sociais existentes no país. Num discurso enfático, ele citou o poeta Patativa de Assaré, que na música Triste Despedida, cantada por Lúcia Gonzaga, mostra o nordestino errante e sofrido tan-

to no Norte como no Sul. Suplicy comparou a poesia regional de Patativa com a música rap da periferia de São Paulo, em que nos versos de Homem na Estrada, do grupo Racionais MCs, a mesma situação se repete nos grandes centros brasileiros.

Para o senador, desenvolvimentos só se faz quando se amplia o grau de escolha e de liberdade do cidadão e que o programa de Renda de Cidadania é a principal fórmula para se alcançar uma sociedade mais justa. Embora não tenha apontado de onde sairão os recursos para o programa, ele calcula que o projeto vai precisar de apenas 5% do PIB, cerca de R\$ 86 bilhões, valor inferior ao gasto pelo Brasil para pagar os juros das dívidas interna e externa.

Debate sem confronto

A professora Maria Adélia de Souza, especialista em Geografia Humana,

ressaltou que o território deveria ser um bem dos brasileiros. Mas denunciou que esse recurso tem sido utilizado em favor do mercado internacional, o que representa séria ameaça à soberania nacional. Adélia defende que iniciativas propostas sejam adotadas para atender às

Desigualdades sociais representam um risco para a fragmentação do território

necessidades da sociedade brasileira. Segundo dados apresentados pela economista Maria Cristina Mac Dowell, o PIB per capita do nordeste nunca ultrapassou 50% da média nacional (R\$ 2.600 contra R\$ 5.740). A região participa com 13% da renda nacional com população correspondente a 28% dos brasileiros. "Falta ao país uma definição de como deve ser o modelo de política regional e de política de desenvolvimento", critica.

O professor Armando Mendes assinalou a necessidade de preservação da unidade nacional. As desi-

gualdades espaciais e sociais representam um risco para fragmentação do território. Para combater este perigo, Mendes defendeu a necessidade de se estabelecer fundos, mecanismos e políticas que reduzam as disparidades regionais.

Apesar de ser ano eleitoral, o interesse dos universitários pela política continua fraco. O auditório estava ocupado por um terço de participantes no momento em que esteve mais cheio. Logo depois da exposição de Suplicy, quase metade dos ouvintes saiu.

O público estava atento, mas sem grande entusiasmo. Não houve debates com visões diferentes. "Nas primeiras edições, os debates estavam muito cheios, mas ultimamente estão bem vazios. Talvez, esse período de recessão tenha esfriado o interesse dos alunos", afirma Ana Paula Cunha Machado, 22 anos, do 7º semestre do curso de Relações Internacionais. A aluna diz que a iniciativa é boa e que está ansiosa para assistir aos próximos debates.

PRÓXIMOS DEBATES.

3 de julho - Reformas Estruturais para o país. Preletores: deputado Emerson Kapaz (PPS-SP) e professor José Geraldo de Souza Júnior (FD/Unb);

17 de julho - A Universidade Brasileira. Presenças: reitor Lauro Mohry, professor Hélio Trindade, ex-reitor da UFRGS, e professora Tânia Bacelar (UFPE), secretária de Planejamento do Recife.

De 7 e 28 de agosto - Eleições previstas as participações dos candidatos à Presidência (Lula, Serra, Garotinho e Ciro) ainda em datas a confirmar.

Serviço
Centro Comunitário da Unb próximo ao Setor de Clubes Norte
Sempre às 10h
Entrada franca



Suplicy aponta soluções para as desigualdades regionais e sociais

Carlos Chagas no Conselho de Comunicação

Nelson Barretto

O professor e jornalista Carlos Chagas foi escolhido pelo Congresso Nacional, no dia 5 de junho, para integrar o Conselho Nacional de Comunicação Social composto por 13 integrantes. O órgão deverá auxiliar o Legislativo em matérias relacionadas à liberdade de manifestação

do pensamento, criação, expressão e informação.

Desde 1988, a Constituição previa a criação do Conselho, que foi regulamentado em 1991. Como as empresas de comunicação não tinham interesse na existência de nenhum órgão controlador sobre o material veiculado, ele não saiu do papel. Porém, para conseguir a aprovação de

uma emenda constitucional que permite a entrada de capital estrangeiro, foi feito um acordo para instalar o Conselho.

Os principais assuntos previstos para os estudos e recomendações do Conselho Nacional de Comunicação Social serão: propaganda comercial de fumo, álcool, medicamentos e terapias; diversões e espe-

táculos públicos; programação de rádio e televisão; monopólio dos meios de comunicação; finalidades da programação das emissoras de rádio e televisão; promoção da cultura; complementariedade dos sistemas privado, público e estatal de radiodifusão; propriedade das empresas de comunicação; outorga e renovação de concessão.

Visite o Campus on-line: www.unb.br/fac/campus

Porão do rock inspira música na universidade

DEA planeja ampliar espaço para apresentação de bandas

Pedro Henrique Barreto

Estimular as atividades culturais de Brasília e divulgar o trabalho das bandas independentes para a mídia e o público da cidade. Este é o objetivo do maior festival de música alternativa do país, o Porão do Rock, que acontece na cidade nos dias 29 e 30 de junho. Tocando "Brasília" por "Universidade de Brasília", a frase ilustra também a luta que a Diretoria de Esportes, Arte e Cultura (DEA) tem mantido para que os músicos da universidade tenham seus próprios porões dentro do campus.

"Todos sabem que não dispomos de verba adequada, mas estamos sempre tentando abrir cada vez mais espaços para que o músico da universidade possa mostrar seu talento", afirma Vladimir Barros, músico responsável pela área de áudio da Diretoria de Esportes, Arte e Cultura (DEA). Em 1999, deu início ao Campus Sonoro, que acontece toda terceira-feira no Anfiteatro 9. A iniciativa já tem grupos dos mais variados estilos agendados até 2003.

Para se manter fiel à

proposta de não repetir bandas no projeto, a diretoria tem dado espaço para bandas de fora da UnB, e até mesmo de fora do Distrito Federal. Já recebeu bandas das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e de estados como Acre e Rio Grande do Sul. É ótimo porque estamos realizando o papel social a que se dispõe a universidade, de integrar e estimular a produção cultural de toda a comunidade", exalta Vladimir. Toda a infraestrutura sonora é fornecida pela DEA.

Uma outra opção para se ter contato com o público é o festival entre os centros acadêmicos, o FINCA. A iniciativa, também criada em 1999, dá premiações como instrumentos e dinheiro. A banda de ferro Corindó, formada por estudantes de Física, Biologia e Artes Plásticas, foi a vencedora da primeira edição do FINCA. "Foi nosso primeiro show de verdade. De lá para cá deslanchamos, passamos a ser conhecidos e a tocar em vários outros lugares", afirma Ítalo Hauener, violão e voz. No ano 2000, a banda participou também do Campus Sonoro.

Há ainda os espaços cri-



A banda Corindó, ganhadora da primeira edição do FINCA, em 1999.

ados pelos próprios estudantes da UnB. O CA de Administração, por exemplo, promove constantes happy hours, onde vários grupos podem mostrar seus trabalhos. O pessoal da História tem, de fato, o seu porão do rock. Não atrai 150 mil pessoas como o mega-festival, mas faz a felicidade da tribo hard-core nos fins-de-semana. "O espaço pequeno chega a ser aconchegante. E o que é mais importante: sobra energia", afirma o estudante de Ciências Contábeis Daniel Brito. O local tem até nome próprio entre os frequentadores: calabouço.

No entanto, apesar das

alternativas criadas pelo DEA e pelos estudantes, Vladimir Barros acredita que muito mais ainda pode ser feito.

O Centro Comunitário, por exemplo, construído para sediar os mais diferentes eventos da universidade, constantemente é alugado para eventos externos, pagando-se despesas com manutenção, passagens e pagas. Um quadro que segundo ele, pode ser alterado. "Basta que os alunos se organizem. Com um projeto sério e competente nas mãos, é claro que o DEA vai cooperar no que puder. Estamos abertos a iniciativas", garantiu Vladimir.

DCE promete retomar a festa da Calourada

Evento terá uma semana de duração e trará novidades

Fabiano Messias

Depois de quatro anos, a tradicional festa de recepção aos calouros da UnB volta a ser realizada e trará algumas novidades. Dessa vez, a Calourada vai ter duração de uma semana, e já tem data prevista, de 5 a 11 de agosto.

A festa terá como tema um questionamento: "UnB e você: tudo a ver?". Além das atividades culturais, o evento terá também palestras e debates e a participação de convidados.

De acordo com a programação do Diretório Central dos Estudantes, serão organizadas mesas com discussões temáticas todos

os dias. Os primeiros debates vão tratar da estrutura e funcionamento da universidade, entidades estudantis e movimentos sociais, procurando inserir os calouros no contexto acadêmico. Ao final, haverá espaço para discussões sobre vários temas, como exclusão e inclusão na universidade e democratização dos espaços culturais no campus.

"Queremos apresentar discussões que achamos fundamentais, mas não temos a oportunidade de tratar de forma abrangente o

tempo todo", afirma Sara Gaia, coordenadora de eventos e cultura do DCE. Ela ressalta que o intuito principal do evento é receber e integrar os calouros e considera o lucro apenas uma consequência.

Para atender o objetivo da festa, a organização dos novos alunos, o DCE conta com a participação voluntária de todos os Centros Acadêmicos e estudantes da UnB, que serão organizados em comissões. "O trabalho deve ser democrático. Não queremos fazer um evento de cima para baixo", diz Sara. Os dois últimos

dias serão reservados para os shows. Para o DCE, as bandas de Brasília devem ter prioridade nas apresentações.

Ironicamente, a deliberação das datas da Calourada, planejada para um mês antes do fim do semestre, se contrapõe ao objetivo de evento de impacto, nome, que é justamente receber os calouros de maneira divertida.

Porém, a demora na organização se deve ao pouco tempo de gestão do novo DCE. A chapa "Na falta de céu ninguém voa" é agora ou nunca", vencedora das últimas eleições, tomou posse há menos de dois meses.

Aracnofobia

Para Parker, o complicado mesmo é conquistar o amor secreto, a ruivíssima Mary Jane, encarnada pela bela Kirsten Dunst. É ela que faz o Homem-Aranha subir pelas paredes. Mas nem o sexto sentido de Parker herói consegue alertá-lo de que ela não é inocente. O amor não correspondido de Parker passa o filme dando mole para qualquer palhaço, menos para o próprio. É nesse ponto

apenas em que o espectador consegue se identificar com a canção de tacho e comungar na dor de Peter Parker. Admitam, leitores. O Campus sabe que em algum momento de suas vidas vocês já sofreram por alguma ou algumas vagabundagens. Mesmo assim, esses anseios de adolescente não são desculpa para a pieguice de algumas situações e diálogos do filme.

Ponto alto: Spider-Man no topo do Chrysler building, um dos maiores edifícios de Nova York.

Campus

Curtas Culturais

Concertos Semanais

O projeto é desenvolvido pelo Departamento de Música, todas as quartas e quintas-feiras, às 12h30, no auditório de música (Instituto de Artes). Alunos e professores do curso apresentam repertórios que incluem exigências de música clássica e popular, recitais de piano e canto, entre outros. Informações sobre a programação podem ser obtidas na secretaria do departamento ou pelo telefone 307-2337 com a professora Irene Bentile. Entrada franca.

Vídeo Comunitário

O Núcleo de Vídeo Comunitário apresenta sessões duplas de vídeo (às 12h e às 18h) no anfiteatro 15, localizado na ala Norte, entrada franca. Filmes e documentários de interesse acadêmico fazem parte do projeto. Entre os dias

24 e 28 de maio estará em cartaz a Semana de Filmes Australianos, com a seguinte programação: Dia 24 - Tão longe, tão perto; Dia 25 - A fortuna de Ned; Dia 26 - Crocodilo Dundee em Hollywood; Dia 27 - O plano; Dia 28 - O casamento de Muriel. Mais informações no Serviço Artístico Cultural, pelos telefones 307-2324 e 274-5954, 8h das 12h e das 14h às 18h.

Um Hardcore para a História

O Centro Acadêmico de História quer organizar shows em todas as sextas-feiras no famoso espaço, conhecido como calabouço. O lugar sempre é reservado para o hardcore. Se a sua banda toca esse estilo e está interessada em se apresentar lá, as portas estão abertas. É só procurar o pessoal do Centro Acadêmico, que fica no final da Ala Norte do Minhocão, subsolo do bloco B.

Pirenópolis em versos e fotos

Pedro Burgos



Os pequenos detalhes da cidade de Pirenópolis, em belas fotos e poesias. É o que se encontra no livro "Pirenópolis pedras janelas quintais", lançado pela Editora Plano. A obra é resultado do "caso de amor", do poeta João Bosco e do artista plástico Silvío Zamboni.

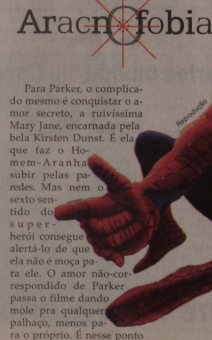
O que a sucinta poesia de Bosco e as fotos de Zamboni querem mostrar é "a alma e não a panorâmica" da cidade, como frisou o poeta. O estilo dos poemas varia um pouco, com algumas pitadas de

concretismo, realizadas pelo excelente trabalho gráfico de Wagner Alves. As fotos, em preto e branco, foram todas tiradas em câmara digital, e foram alteradas por Zamboni, que trabalha com arte digital desde 1988.

Dos quadris para as telas, O Homem-Aranha, de Sam Raimi, não impressiona.

Das pragas urbanas, as aranhas são as mais inofensivas. Pelo menos as que rondam os cinemas da cidade. Em Homem-Aranha, do diretor Sam Raimi, não há nada de novo. Falta estilo à adaptação dos quadrinhos, sem a grandiosidade e o tom quase operístico de Batman, de Tim Burton, ou o pessimismo visual dos X-Men, de Bryan Singer. A trama já é conhecida, fiel às páginas das HQs de Stan Lee: o desajeitado estudante Peter Parker é picado por uma aranha transgênica e acaba se tornando um justiceiro com super-poderes. Interpretado pelo apá-

tico Tobey Maguire, Parker parece ter sido mordido pelo mosquito da dengue, tal é a sonolência do filme. Ainda assim, a atuação de Maguire é, às vezes, uma graça. O ator não é exatamente carismático, mas a presença na tela consegue tornar equilibrada a disputa com os elétos especiais de milhões de dólares. Tá certo, a briga não é dura. A computação gráfica que faz o Homem-Aranha balizar pelos arranha-céus não é de chamar tanta atenção. Para completar, o Duende Verde (Willem Dafoe) aparece para tocar o horror em Nova York. Nada que tire o sono do Aranha. Com uma tela aqui e outra ali, ele dá um jeito no vilão, que mais parece um daqueles bonecos da Glasilo.



apenas em que o espectador consegue se identificar com a canção de tacho e comungar na dor de Peter Parker. Admitam, leitores. O Campus sabe que em algum momento de suas vidas vocês já sofreram por alguma ou algumas vagabundagens. Mesmo assim, esses anseios de adolescente não são desculpa para a pieguice de algumas situações e diálogos do filme.

Ponto alto: Spider-Man no topo do Chrysler building, um dos maiores edifícios de Nova York.

HOMEM-ARANHA, O FILME

Spider-man
EUA, 2002
dir. Sam Raimi

"Homem-aranha, o Filme" estreou no Brasil e conseguiu bater um recorde de bilheteria, que antes pertencia ao filme Harry Potter e a Pedra Filosofal. O aracnídeo arrebatou, logo no fim de semana de estreia, 1,6 milhão de espectadores a mais de 600 salas que exibiram o filme no País. Isso só foi uma repetição do sucesso no exterior: Nos EUA, arrecadou US\$ 114 milhões também no fim de semana de estreia. Tanto sucesso já fez a Sony confirmar uma sequência em 2004.